



Um clássico soteropolitano, o carrinho de café aparece retratado no Guia do Ócio 2026: ‘Cidade mutante por natureza’, resume o autor Antônio Moreno

DE CABECEIRA Publicação muito bem cuidada e que vale ter sempre à mão, edição 2026 do Guia do Ócio percorre oito territórios de Salvador e homenageia Carybé em sua capa. Para locais e turistas

Cartografia afetiva

MAIQUELE ROMERO*

“Salvador não se revela com pressa. É feita de camadas, pausas, encontros e permanência”. A frase, que integra o manifesto do *Guia do Ócio 2026* (Fábrica das Letras, 236 páginas, R\$43), funciona como chave de leitura da nova edição da publicação, que começou a circular na cidade a partir de 14 de janeiro, com capa assinada pelo artista argentino-baiano Carybé. Em um tempo marcado pela aceleração e pelo excesso de informações, o guia reafirma, em papel, um modo particular de olhar e narrar Salvador.

Com centenas de fotografias, a nova edição atualiza informações sobre o cenário cultural, artístico, patrimonial e gastronômico de Salvador, distribuídas por oito territórios emblemáticos da cidade.

“Este guia não pretende mostrar tudo, mas apontar caminhos possíveis, com responsabilidade e escuta”, afirma o ma-

nifesto, que faz um convite não ao consumo rápido da cidade, mas à permanência, seja para quem chega, seja para quem vive Salvador no cotidiano.

Curadoria e projeto gráfico

O guia é assinado pelo jornalista baiano Antônio Moreno, formado pela Faculdade de Comunicação da Ufba, com trajetória nos cadernos culturais de Salvador e hoje à frente da Companhia de Comunicação. A direção de arte e o design gráfico ficam a cargo de Iansã Negrão e Emanuele Rosa, enquanto a equipe de fotógrafos – Tiago Lima, André Fernandes, Márcio Lima, Alfredo Mascarenhas e Drica Reis – constrói visualmente a pluralidade da cidade.

“O meu olhar sempre muda de uma edição para outra, até porque a cidade nunca deixa de mudar”, afirma Moreno. Para ele, Salvador se define por sua capacidade de absorver influências e resignificá-las.

“É uma cidade mutante por

natureza, que traduz sempre à sua maneira as informações e dados culturais que recebe constantemente de uma população extremamente criativa e avessa a convenções”, reforça o autor.

Essa mutação aparece no equilíbrio entre patrimônio histórico, novos equipamentos culturais, endereços da boemia contemporânea e práticas cotidianas que escapam ao roteiro previsível.

Oito territórios

A publicação incorpora, por exemplo, espaços recentemente incorporados ao circuito cultural da cidade, como o Trapiche Barnabé, revitalizado para receber eventos, o Palacete Tira-Chapéu, que passa a abrigar diferentes usos, a Galeria do Mercado Modelo, o Museu de Arte Contemporânea da Bahia (MAC), a Arena da Capoeira e a Casa das Histórias de Salvador.

Sem tentar dar conta de to-

da a complexidade da capital, o *Guia do Ócio* propõe um passeio por oito territórios emblemáticos: Comércio, Barra, Vitória/Campo Grande, Itapuã, Cidade Baixa, Centro Histórico, Pelourinho/Santo Antônio e Rio Vermelho. Cada recorte nasce de visitas presenciais, experiências vividas e observação atenta do cotidiano urbano.

Uma das perguntas que atravessa o guia, “o que ver e fazer em dois ou três dias?” não se resolve com listas fechadas. “A primeira coisa a fazer é se libertar dos cartões postais e ter um olhar curioso sobre recantos pouco divulgados da cidade”, diz Moreno.

“Para isso é necessário andar sem um roteiro tão rígido, observando comidas de rua, feiras e mercados populares, shows improvisados, espaços culturais alternativos, vendedores criativos, restaurantes e bares que surgem nos locais mais inusitados”, acrescenta.

Mais do que um manual de endereços, o *Guia do Ócio* funciona como um retrato afetivo da cidade. “Espero passar um pouco da minha relação de amor à cidade. Nasci na Baixa do Bonfim, e desde muito cedo aprendi a percorrer Salvador com um olhar que mistura amorosidade e curiosidade. Com o guia, tento mostrar que até nossos defeitos precisam ser vistos e percebidos a partir de sua originalidade”, afirma o autor.

A Bahia de Carybé

A capa da edição 2026 traz uma ilustração de Carybé, cedida pelo Instituto Carybé, em homenagem ao artista argentino naturalizado brasileiro, cuja obra se confunde com a própria iconografia da cultura baiana.

Para Solange Bernabó, diretora do Instituto Carybé e filha do artista, a imagem mantém plena atualidade. “Meu pai se interessava por retratar

MONUMENTO

Sagrada Família, em Barcelona, chega ao topo com as obras em aberto

ROSA SULLEIRO

Barcelona (Espanha), France Presse

A Sagrada Família se tornará a igreja mais alta do mundo com sua torre central, mas esta obra colossal, concebida por Antoni Gaudí há mais de 140 anos, ainda deve resolver o conflito para construir sua fachada principal antes de definir uma data para sua conclusão.

Em uma plataforma a 54 metros de altura, finaliza-se entre andaimes a enorme peça que em breve completará a cruz tridimensional que coroa a torre de Jesus Cristo, e cuja inauguração está marcada para junho.

Uma longa grua amarela levantará a peça, o que elevará o monumento aos 172,5 metros, uma nova marca que há pouco destronou o templo de Ulm, na Alemanha, como a igreja mais alta do mundo.

O seu topo ficará apenas alguns metros abaixo da montanha Montjuïc, de 177 metros. De profunda fé católica, “Gaudí não queria ultrapassar

esta cota”, a da obra de Deus, recorda o arquiteto responsável pelos terminais, Mauricio Cortés, entre as estruturas metálicas que percorrem o relevo em construção do monumento pago mais visitado da Espanha.

Quando a estrutura estiver concluída, a torre será benzida no dia 10 de junho, coincidindo com o centenário da morte do famoso arquiteto catalão, sepultado na cripta desta basílica, da qual assumiu as rédeas em 1883.

“Com a colocação da cruz estaremos quase nos 80% do conjunto construído”, explica à AFP Jordi Faulí, o arquiteto que comanda as obras há mais de uma década.

Conflito

Contudo, estes não eram os planos que a junta construtora, uma fundação canônica privada, tinha até antes da pandemia, quando tinha a intenção de concluir a obra em 2026. Mas o coronavírus paralisou o turismo mundial e congelou as receitas da Sagra-

da Família, que é financiada principalmente pelos ingressos vendidos e por doações privadas.

Agora, com a recuperação do turismo — em 2024 receberam 4,8 milhões de visitantes —, a junta resiste em fixar uma nova data para terminar as obras em aberto, entre elas a controversa Fachada da Glória e os seus quatro campanários.

Segundo o projeto defendido pelos construtores, a entrada principal do monumento deve ser precedida por uma grande escadaria e por uma praça, cuja execução implicaria em demolir vários prédios residenciais. Mas seus moradores lutam há anos para impedir tal medida.

“Os nossos apartamentos são legais”, defende uma faixa pendurada em um dos imóveis afetados.

Os moradores destes edifícios garantem que compraram seus apartamentos corretamente, sem que ninguém os advertisse de que a área poderia fazer parte do conjunto

Josep LAGO / AFP



do templo em um momento futuro.

“A Sagrada Família é proprietária de um terreno, não é proprietária do resto. Então, por que é que tem que vir à minha casa?”, questiona Salvador Barroso, presidente da Associação de Afetados pelas Obras da Sagrada Família.

Ele adquiriu seu imóvel no fim da década de 1980 e afirma que só começou a ouvir falar do projeto da escadaria

quando os Jogos Olímpicos de Barcelona de 1992 mudaram o conceito da cidade, convertendo-a em um ponto turístico. “Isto, na realidade, é um negócio”, assegura Barroso sobre o desenvolvimento do templo.

“Extraordinário”

Também não está claro para os moradores que a polêmica escadaria fazia parte do projeto original de Gaudí, cujas ma-

o povo, onde quer que estivesse e acredito que a essência do povo baiano, continua a mesma de quando ele passou por esta vida”.

Ela destaca que a cena retratada segue presente no cotidiano da cidade.

“No caso específico da capa do *Guia do Ócio*, são as nossas batucadas, muito provavelmente a do Olodum, a inspiração para o desenho e, apesar de todas as mudanças que ocorreram após a sua passagem em 1997, se hoje você for ao Pelourinho e a muitos outros bairros de Salvador, poderá apreciar esta mesma cena, sem tirar, nem pôr”.

Registro em papel

Em um contexto de abundância de guias digitais e informações instantâneas, o *Guia do Ócio* também reafirma o impresso como experiência própria — e não como oposição ao digital.

“Ao contrário de um celular, com sua dinâmica excessivamente estressante, um livro como o Guia leva à calma, à concentração, à experiência de vivenciar a cidade de forma mais presente”, comenta Moreno.

Essa posição está sintetizada no manifesto que integra a publicação: “Salvador não se revela com pressa. É feita de camadas, pausas, encontros e permanência. Em um mundo saturado de informações instantâneas, acreditamos no valor da curadoria, da autoria e do tempo dedicado à leitura. Este guia não pretende mostrar tudo, mas apontar caminhos possíveis, com responsabilidade e escuta”.

Lido em casa, levado para um café, guardado na estante ou na mochila, o guia se propõe como companheiro de todas as estações, não apenas do verão e seus modismos. Um objeto que acompanha o movimento da cidade, registra transformações e, com o tempo, se transforma também em memória.

Essa pluralidade se estende aos pontos de venda. Além das livrarias, o *Guia do Ócio* circula por instituições culturais, terminais de transporte, hotéis, pousadas, cafeterias e pontos turísticos, alcançando públicos diversos e reafirmando seu caráter democrático.

Entre mapas afetivos, escolhas assumidas e a recusa do consumo apressado da cidade, o *Guia do Ócio 2026* reafirma uma ideia simples e, hoje, quase contracorrente: a vida — e Salvador — pedem tempo.

ONDE COMPRAR: ESPAÇOS CULTURAIS, LIVRARIAS, HOTÉIS, TERMINAIS DE TRANSPORTE E PONTOS TURÍSTICOS DE SALVADOR. VENDA TAMBÉM VIA WHATSAPP (71) 98185-0110, COM FRETE GRÁTIS PARA ENDEREÇOS NA CAPITAL

***SOB SUPERVISÃO DO EDITOR CHICO CASTRO JR.**

Monumento mais visitado da Espanha, a Sagrada Família segue em obras

quetes foram em grande parte destruídas durante a Guerra Civil (1936-1939), como costumam assinalar aqueles que criticam que o templo perdeu a essência de seu criador.

“Estamos, em todas as partes do projeto, seguindo com fidelidade o que Gaudí queria”, defende Faulí, lembrando que, além de outros documentos preservados, parte das maquetes foi reconstruída posteriormente por seus discípulos. “Gaudí era um arquiteto extraordinário e vale a pena seguir seu projeto e concluí-lo”, acrescenta, na esperança de encontrar uma “solução justa” para construir a fachada da Glória.

O conflito deverá ser mediado pela Prefeitura, que, em plena crise habitacional na cidade, assegura que não haverá nenhum acordo que não garanta soluções para os moradores. “Espero que o litígio seja resolvido. O que não saberia dizer é se vai ser resolvido nos tribunais ou (...) sentados a uma mesa”, confessa Barroso.